

Desafios da Gestão de uma Unidade Básica de Saúde em tempos de pandemia

Sebastião Alves de Souza Filho¹

A Atenção Primária à Saúde (APS) tem assumido um papel de fundamental importância na organização das Redes de Assistenciais de Atenção à Saúde. Se antes do complexo contexto de Pandemia do Covid-19 já estava predestinada a ser a mola propulsora da organização dos serviços de saúde, prevista em lei e portarias ministeriais, mostrou-se potente e resolutiva no atendimento aos casos leves a moderados da doença. Desse modo, exerceu um papel estratégico, naquele momento, em que tudo se mostrava nebuloso e incerto no planejamento e monitoramento em saúde.

Com forte base territorial, a APS, centrada nas necessidades das pessoas que buscam por serviços em saúde, mostra-se disposta a acolher, a qualificar a escuta de forma mais humanizada. Exige a sensibilidade de que seus profissionais compreendam que aspectos culturais e geracionais, permeados pela vulnerabilidade social individual e familiar são a gênese do agravamento do processo saúde-doença. Assim, as Equipes de Estratégia de Saúde da Família devem sentir-se envolvidas e vinculadas a essas pessoas, promovendo a caminhada singular de um projeto terapêutico, em que a integralidade do cuidado tende a ser distribuída a toda a rede assistencial, mas que é coordenado e planejado, em sua longitudinalidade, pelos profissionais da APS.

Em penosos tempos de financiamentos congelados para a saúde, mediante as dificuldades enfrentadas no cotidiano da vivência nas Unidades Básicas de Saúde para o enfrentamento da Covid-19, a gestão local necessitou se alinhar a todas as dificuldades enfrentadas pela Gestão Municipal, compartilhando incertezas, racionamento de equipamentos de proteção individual e oferta de cuidados especializados que se retraíram num momento tão ímpar, diante dos cuidados crônicos e suas agudizações. Foram expostas as nossas chagas assistenciais não resolvidas anteriormente, provocando novos desafios para que não houvesse desassistência e, mais ainda, que não houvesse negligenciamento do diagnóstico de gravidade, já estabelecido como crítico, promovendo-se a necessária intervenção no momento em que os serviços de APS fossem acionados.

¹ Prefeitura de Juiz de Fora – Secretaria de Saúde. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7582-0543>. E-mail: sebastianfilho33@yahoo.com.br

As ações de promoção e prevenção à saúde movimentam e trazem vida ao trabalho vivo e dialógico no contexto comunitário, enchendo de alegria e cores de vários tons a criatividade dirigida ao empoderamento comunitário. Contudo, essas ações precisaram ser interrompidas num momento em que mais se precisou dizer que seguíamos em alerta e focados nas famílias e em suas singulares vulnerabilidades. Isso tudo concomitante com a grande fragilidade em que se encontrava todo o núcleo profissional, estarrecido em meio a tantas necessidades de disputas por tecnologias duras; conhecimento ultracientífico que se atualizava a cada momento; a epidemiologia sendo discutida em pontos de ônibus... Esse quadro retratava a atroz realidade da iminência de perdas de vidas e as incertezas do porvir, carecendo de amparo e tradução da realidade, tão centralidade na racionalidade biomédica, causando mais confusão que esclarecimentos de dúvidas particulares e coletivas.

Novos desafios e a convivência de antigos problemas não resolvidos no cotidiano das práticas gestoras em saúde desafiavam, a cada momento, a busca por soluções inovadoras. Teletrabalho, teleatendimento, monitoramento de possíveis agravamentos e protocolos frágeis estabelecidos não garantiam a permanência do profissional em serviço, fragilizando ainda mais o que já se apresentava vulnerável, provocando instabilidade emocional coletiva que corroía lentamente a saúde mental de muitos, tamanha a insegurança posta pelo desafio nunca antes vivido e tendo de ser superado. Como combater essa doença? Como combater outras doenças crônicas e a sua agudização no dia a dia das Unidades Básicas de Saúde? E as outras doenças, vulnerabilidades e necessidades já identificadas na epidemiologia dos territórios? E a solução para todas essas antigas e novas demandas? E o monitoramento da evolução da pandemia no território da UBS? O maior desafio era o tempo. Tempo para entender, compreender e aprender a nova doença e concomitante administrar a incerteza do novo conjuntamente às antigas demandas.

Ao longo do enfrentamento da Covid-19, os gestores de macroprocessos em saúde, bem como os locais, sentiram a necessidade de inovação em todas as frentes, não no sentido de se criar metodologias e ferramentas inéditas, mas a aplicação de todo conhecimento já estabelecido, visando à organização da rotina que se instalou de forma caótica. Refletir a reorganização e a adequação dos processos de trabalho para o momento, se tornou tarefa diária. A angústia fez casa no cotidiano das práticas em saúde, o medo /insegurança tornaram-se parceiros, corroendo a saúde mental. Mas, ao longo do tempo, concretizou-se a ideia de que o combate ao coronavírus se faria com as ferramentas que a APS conhecia e dominava em seu planejamento e gestão de território. Até que a vacina chegasse.

A solidariedade e o apoio em rede mostraram-se potentes naquele momento. Grupos de mídia e tecnologia digital se tornaram ferramentas fundamentais de comunicação, permitindo encontros de discussão tecnocientífico e que agregaram embasamento profissional expresso em fluxos organizacionais,

apoiados por experts e professores. Esses, se desdobraram em qualificar profissionais dentro do que despontava sob forma de conhecimento seguro, embasado nas melhores plataformas de conhecimento, impactando toda a Rede Assistencial, qualificando a tomada de decisão gestora, em seus vários níveis de complexidade assistencial. Tudo para se esperar o tempo da esperança chegar e adentrar de mãos dadas com os profissionais: a primavera em forma de vacina, enquanto o coração se apertava, em meio a grandes e vultosas perdas.

Sistema ÚNICO, coletivo de todos, trazendo saúde e ofertando luz e força, para um período tão sombrio e nebuloso da humanidade. Há de ansiar Esperança. Há de se fortalecer o SUS.